

LIVROS INFANTIS SOBRE OS BAIRROS DO RIO DE JANEIRO: QUANDO O ALUNO DE PEDAGOGIA SE TORNA O AUTOR

Alberto Roiphe*

albertoroiphe@bol.com.br

* Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Língua Portuguesa e de Literatura da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

RESUMO: Trata-se de uma experiência desenvolvida com alunos de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que, ao cursarem a disciplina do oitavo período, "Literatura na Escola", com duração de um semestre letivo, são desafiados à produção artesanal de livros infantis sobre os bairros da cidade do Rio de Janeiro, aliando a linguagem verbal da narrativa à linguagem visual das ilustrações, a fim de propiciarem a seus leitores a consciência do caráter estético de ambas as linguagens trabalhadas na confecção dos livros e, sobretudo, o conhecimento das particularidades dos bairros da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Livro infantil. Leitura. Formação docente.

Apresentação

Neste texto, o que se pretende é relatar uma experiência desenvolvida com alunos do oitavo período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que, no âmbito da disciplina "Literatura na Escola", são desafiados a produzirem livros infantis artesanais sobre os bairros da cidade do Rio de Janeiro, que são apresentados aos colegas e professores do curso.

Essa experiência, realizada nos últimos três semestres letivos, têm alcançado resultados muito satisfatórios na disciplina, tanto no que se refere a elementos explícitos, quanto a elementos implícitos. Os

elementos explícitos são, aqui, os elementos objetivos, os livros em si, por exemplo, considerando-se a produção das narrativas e das ilustrações que as acompanham. Os elementos implícitos são os elementos subjetivos, aqueles relacionados à crítica por parte dos alunos com relação aos livros infantis, em geral, a partir do repertório que vão construindo no decorrer da disciplina, o que evidentemente se dá por meio da leitura dos textos verbais e visuais neles contidos. Paralelamente a isso, ocorre também a ampliação de conhecimento sobre os lugares, cujas condições são pesquisadas, de forma a se vislumbrar certa valorização de bairros de diversas regiões da cidade.

O contexto para a observação de tais elementos se dá, não só no decorrer da disciplina, mas também, ao final do semestre letivo, quando os grupos de alunos relatam os processos de criação, expõem e lêem, na própria sala de aula, durante os encontros de “Literatura na Escola”, os livros por eles produzidos, situação durante a qual ocorrem manifestações, que vão além do gosto, e que revelam a leitura de pormenores, tanto da linguagem verbal, como da linguagem visual de suas próprias obras.

O contexto do curso de Pedagogia da UNIRIO

O curso de Pedagogia da UNIRIO, criado em 1988, está localizado na Urca, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, atendendo atualmente a dois turnos, vespertino e noturno. Em sua maioria, os professores que atuam no curso são mestres e doutores. Os alunos são, em sua maioria, trabalhadores. Residem na área metropolitana do Rio de Janeiro (zona sul, na zona norte e zona oeste da cidade) e alguns deles na baixada fluminense. A faixa etária desses alunos é, em média, de 22 anos de idade. A turma com a qual esta atividade foi desenvolvida frequenta a universidade no período noturno, o que evidencia o fato de ser

caracterizada por trabalhadores, alguns deles, inclusive, professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Da forma ao conteúdo: sobre os procedimentos de preparação dos livros

No início de cada semestre letivo, assim que o aluno, ou o grupo de alunos, escolhe um dos bairros da cidade do Rio de Janeiro para a produção do livro, são desenvolvidas duas atividades.

A primeira atividade é uma pesquisa, em diversas fontes, sobre o bairro, evidenciando suas particularidades históricas, culturais, sociais, econômicas dentre outras. Geralmente, a fonte mais explorada pelos alunos é a virtual, o que nem sempre garante a veracidade das informações históricas, embora o que se sugira a eles seja a pesquisa em fontes oficiais, como as páginas, por exemplo, da prefeitura da cidade e das secretarias de cultura, turismo e meio ambiente. Ainda assim, como partem para o desenvolvimento de uma obra de ficção, e não puramente histórica, tais informações nem sempre são relevantes na especificidade desse trabalho, até porque, às vezes, ocorre a subversão dos fatos.

A segunda atividade é o desenvolvimento da narrativa em si, elucidando algum fato descoberto durante a pesquisa ou evidenciando algum elemento relevante do bairro: uma determinada construção arquitetônica, a presença do mar, a origem do nome do bairro, a fundação do bairro por uma personalidade etc, de forma a que esses alunos definam o ponto central da narrativa. No entanto, essa atividade não se limita ao trabalho com a linguagem verbal, os alunos também produzem as ilustrações de seus livros. Isso significa que, na atividade, valoriza-se tanto o trabalho com a linguagem verbal como o trabalho com a linguagem visual.

No que se refere à linguagem verbal, em seu processo de criação, os alunos percebem, por meio da leitura de livros infantis, que abordam outras temáticas, assim como de textos teóricos, a necessidade de considerarem, no enredo, os elementos estruturais da narrativa como enredo, tempo, espaço, ambiente, narrador e personagens, de maneira a formar as partes do conto que desejam narrar. Para tanto, evidenciam um conflito relacionado a algum desses componentes da história, a fim de garantirem a trama em meio à organização da linguagem.

No que concerne ainda à linguagem verbal, os alunos levam em consideração, em suas construções, os topônimos relacionados ao bairro pesquisado, assim como suas variantes lingüísticas sócio-culturais, geográficas e contextuais. Dessa forma, um trabalho de literatura leva em conta um trabalho, inevitavelmente, paralelo de língua portuguesa, quando se pode observar os falares de personagens, relacionados ao meio e a condição em que vivem. Ainda nesse âmbito da linguagem verbal, é preciso salientar que, embora seja predominante o gênero textual conto, outros gêneros são apresentados, como as prosas poéticas, exemplarmente.

No que se refere à linguagem visual dos livros, é preciso evidenciar que os alunos constroem ilustrações das mais variadas formas: desenhos, colagens, montagens, fotografias, para caracterizarem o bairro escolhido. Como afirma Regina Zilberman: "A ilustração é parte constituinte das publicações endereçadas às crianças" (ZILBERMAN, 2005, p. 163). E, nesse caso, é bem comum a busca por uma ilustração fidedigna no que se refere, sobretudo, ao espaço, mote de todo esse trabalho.

Considerados esses dois aspectos, o verbal e o visual, há de se observar ainda as formas do livro que, muitas vezes, estão relacionadas ao conteúdo da própria narrativa, sendo apresentados desde modelos mais tradicionais de livros até livros bolas, livros em forma de cartões postais, buscando romper com a previsibilidade da relação entre a forma e o conteúdo.

No que se refere à forma do livro, Julio Plaza, em artigo intitulado "O livro como forma de arte", embora trate, em sua análise, dos livros de artistas, faz uma observação sobre a qual cabe pensar:

O texto verbal contido num livro ignora o fato de que o livro é uma estrutura autônoma espaço-temporal em sequência. Uma série de textos, poemas ou outros signos, distribuídos através do livro, seguindo uma ordem particular e sequencial, revela a natureza do livro como estrutura espaço-temporal. Esta disposição revela a sequência mas não a incorpora, não a assimila. (PLAZA, 1982, p.7)

Nesse ponto, o conceito de leitura, limitado tantas vezes à linguagem verbal, se amplia, nesse projeto, à linguagem visual e à forma do livro, possibilitando diálogos entre a literatura e a arte. Por isso, é preciso lembrar que, ao contrário do que sugere Julio Plaza, em seu artigo, nos livros produzidos pelos alunos, algumas vezes, as formas escolhidas estão relacionadas diretamente aos conteúdos presentes em suas narrativas. E, nesses casos, a leitura começa antes da capa, na forma que o livro toma e, em seguida, parte para a linguagem verbal da narrativa e para a linguagem visual das ilustrações, como propõe também Alberto Manguel:

Dar visibilidade à arte e à leitura da imagem nas suas complexas relações é trabalhar num caminho semelhante ao que a produção artística assume como seu. Isso quer dizer que o artista, ao construir seus objetivos, torna visíveis seus pensamentos, emoções e sentimentos, organizando-os num texto visual preñado de significados. Assim, o objeto de arte como construção humana e como recorte do mundo do artista possibilita muitos modos de ver e tem a função de ampliar para outros olhares leitores possíveis visibilidades nele contidas. O artista é um criador de linguagem que busca compreender também os modos de produção de linguagem de outros artistas, dialogando com eles. Entender esse diálogo plástico é participar do mundo da criação, é aprofundar-se nos conteúdos da leitura visual. (MANGUEL *apud* BUORO, 2002, p. 15)

Essa citação torna clara a importância do que realizam os alunos, em seus processos de criação, durante esse trabalho, isto é, à medida que

tomam contato com outros livros, expandem seus repertórios e se permitem iniciar um processo de transposição das estruturas composicionais que passam a conhecer em novas leituras para os temas que pretendem desenvolver em seus próprios livros.

Sobre o conceito de *texto-leitura* de Roland Barthes como fundamentação teórica

Em artigo intitulado “Escrever a leitura”, Roland Barthes questiona seus leitores sobre o fato de ocorrer a necessidade de, diante de uma obra, o leitor “interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações” (BARTHES, 2004, 26). Essa interrupção, que o teórico francês denomina de *texto-leitura*, se caracterizaria da seguinte maneira:

É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever. Para escrevê-la, para que a minha leitura se torne por sua vez objeto de uma nova leitura (a dos leitores de *S/Z*), tive evidentemente de sistematizar todos esses momentos em que a gente “levanta a cabeça”. Em outras palavras, interrogar a minha própria leitura é tentar captar a *forma* de todas as leituras (a forma: único lugar da ciência), ou ainda: suscitar uma teoria da leitura. (*Idem, Ibidem*) [grifos do autor]

Para consolidar esse conceito, Barthes relata sua experiência de leitura de um texto de Balzac, durante a qual observou que, quando parava de lê-lo, não fazia propriamente uma análise, nem uma imagem, mas ao se perguntar “O que é este *S/Z*?”, a si mesmo respondeu: “Simplesmente um texto, esse texto que escrevemos em nossa cabeça quando a levantamos” (*Idem, Ibidem*, p. 27), denominado tal conceito de “texto-leitura”.

E, é normalmente isso o que ocorre com os alunos da disciplina “Literatura na Escola”, quando se manifestam a respeito do que estão lendo em relação aos bairros da cidade, onde normalmente circulam.

Sendo assim, há um aprofundamento possível na teoria de Barthes, quando se passa a deixar de lado, aqui, o que o autor quer dizer e se observa, na verdade, o que o leitor entende. Essa proposta, segundo o crítico, marca a diferença entre a “lógica da leitura” e as “regras da composição”, já que, para ele, a composição canaliza e:

(...) a leitura, ao contrário (esse texto que escrevemos em nós quando lemos) dispersa, dissemina; ou, pelo menos, diante de uma história (...) vemos que certa imposição do prosseguimento (...) luta continuamente em nós com a força explosiva do texto, sua energia digressiva: à lógica da razão (que faz com que a história seja legível) entremeia-se uma lógica do símbolo. Essa lógica não é dedutiva, mas associativa: associa ao texto material (a cada uma de suas frases) *outras* ideias, *outras* imagens, *outras* significações. (*Idem, Ibidem*, p. 28) [grifos do autor]

O processo de leitura, na verdade, não se limita ao texto em si. O texto, aliás, pede associações, como afirma novamente Roland Barthes:

“O texto, apenas o texto”, dizem-nos, mas, apenas o texto, isso não existe: há *imediatamente* nesta novela, neste romance, neste poema que estou lendo, um suplemento de sentido de que nem o dicionário nem a gramática podem dar conta. (*Idem, Ibidem*) [grifos do autor]

Segundo Barthes, no processo de leitura do texto não há verdade objetiva ou subjetiva, “mas apenas verdade lúdica” (*Idem, Ibidem*).

Nesse processo, então, partindo do espaço onde se dará a narrativa, como provocação à escrita, é que os alunos de Pedagogia, muito mais do que descreverem bairros, valorizam os espaços da cidade, percebendo a literatura como uma forma de reflexão do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo. E, nesse jogo, que ocorre durante a leitura, os alunos, reconhecendo que o texto guarda inevitavelmente as experiências e os valores de quem escreve, a cada parte de suas criações, vão construindo as experiências também de quem as lerá.

Ao refletir sobre esse diálogo entre a linguagem e a leitura, a educação portanto, vem à tona uma necessidade da escola no Brasil: a formação de

professores de língua portuguesa e de literatura, já que depende também da ação desses professores, em sala de aula, para que ocorra uma efetiva relação entre as práticas com a literatura no ambiente escolar e sua função social. Por esse motivo, diante dessa diversidade de criações literárias, torna-se inevitável se considerar as possibilidades de trabalho com práticas diferenciadas de leitura em sala de aula.

Avaliando a prática de escrita e de leitura dos livros

Diversos foram os livros produzidos pelos alunos da disciplina “Literatura na Escola”, durante os últimos três semestres. Entretanto, neste artigo, dois deles se destacam, em função dos elementos, aqui, já evidenciados. Elementos esses que estão relacionados à forma e ao conteúdo de suas produções. São eles: *Jesuíno em: Sonho de um menino* e *História Postal*.

O primeiro, *Jesuíno em: Sonho de um menino*, de autoria de Maryane Paiva, Juliana Saisse, Angélica Barbosa e Mônica Lino.

O livro conta a história de um menino que sonhava ser jogador de futebol, embora sua mãe quisesse que ele fosse professor. No que se refere à forma do livro, nada mais significativo para contar a história de um torcedor de futebol do que um livro bola com emblemas de seu time. Nesse caso, o Vasco da Gama. Trata-se, na verdade, de uma bola de isopor que se abre na metade. E, embora coberta por uma máscara, a bola é, ao mesmo tempo, a cara de Jesuíno que, fanaticamente, dá o tom ao livro. Vale lembrar que o corpo do personagem tem continuidade em EVA (etil, vinil e acetato), material próximo à borracha. Dentro dessa bola, dentro do personagem, portanto, como se fosse sua memória, unindo suas duas partes, há um único papel cartão vermelho em forma de sanfona, como possível alusão a um dos instrumentos do forró, no qual se encontram os versos que narram a sua história. Essa sanfona também não está ali por acaso. Jesuíno era nordestino.

O texto em versos, colado em toda a extensão da sanfona, está estruturado às vezes em quadras, às vezes em sextilhas, mas sem a

regularidade no número de sílabas. Ainda assim, o texto lembra, em alguns momentos, a estrutura de folhetos de cordel nordestinos.

Em meio à narrativa, o já retirante Jesuíno viaja do Nordeste para o Rio de Janeiro em busca de seu sonho, é quando ocorre a referência ao bairro da cidade:

Terminada a visita ao estádio, Jesuíno descobriu
Que a torcida vascaína é a quinta maior do Brasil!!!
Quinta fez o garoto lembrar
Da Quinta da Boa Vista,
No passeio a São Cristóvão
Era um dos itens de sua lista

[...]

Após linda visita pela Quinta da Boa Vista
o excesso de fome já o fazia cair na pista
foi então que tio Loureiro
lembrou de um lugar no Rio de Janeiro,

Onde o Nordeste, mesmo
podia se fazer tocante:
a feira de São Cristóvão,
o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas,
famoso o ano inteiro e principalmente nas festas juninas.

No formato da bola como prêmio ao leitor, são as autoras que assinam, como se autografassem o jogo bem bolado que planejaram nessa relação entre a bola e o torcedor, o nordestino e a feira do bairro de São Cristóvão.

Outro livro criado pelos alunos de Pedagogia foi *História Postal*, de Estefania Afonso, Fernanda de Assis, Patrícia Carvalho e Sonia Vieira. O livro está acondicionado em uma caixa de papelão completamente fechada, sem que o leitor tenha ideia sobre o seu formato real. Quando se abre a caixa, o que se encontra é um conjunto de folhas presas somente por uma argola de metal, na parte superior esquerda, e que, individualmente, na verdade, são cartões postais da Lapa, bairro boêmio e central da cidade do Rio de Janeiro.

O enredo, aparentemente simples, se constrói de maneira curiosa, ao se notar que o personagem que narra a história é um poste. Parece claro, portanto,

que a perspectiva se dá de cima para baixo, tanto nas palavras como nas imagens dos cartões postais.

E ainda que o bairro vire somente um pretexto para o início da história, ele desencadeia a ação narrativa. Nesse caso, o bairro caracteriza de forma extremamente competente a sua ambientação, demonstrando a constante circulação de personagens em um local bastante movimentado da capital carioca.

Construída em quadras, essa narrativa tem inicialmente como personagem uma mulher, de nome Alzira, que se encosta em um Poste. O Poste, por sua vez, se apaixona por ela. Essa mulher, entretanto, arruma um namorado. O Poste, que tem em seu corpo um cartaz colado, em que se encontra o telefone de Dona Lara, uma vidente que promete trazer seu amor de volta em três dias, não crê em tal solução e, ao passar a olhar para o lado, encontra seu grande amor: Terminália, uma árvore para quem manda um recado via pombo correio e por quem passa a ter seu amor correspondido.

No caso desse segundo livro, as ilustrações são fundamentais, já que, a cada cartão postal, o texto vai tomando direções diferentes, o que faz com que o leitor não encontre uma história previsível, mas pare a todo tempo para pensar sobre novas reações do personagem poste. E, é nesse ponto que o conceito de *texto-leitura*, de Barthes, se revela, na medida em que o fluxo de idéias, excitações e associações faz com que olhares se levantem, junto com o personagem, durante a leitura desse livro, e também do outro, ambos pensados em todos os seus pormenores.

Considerações finais

Os desdobramentos dessa experiência, que tem enriquecido as práticas de leitura em sala de aula no curso de Pedagogia da UNIRIO, deverá ocorrer no âmbito da própria disciplina "Literatura na Escola", passando a ter suas apresentações na metade do semestre letivo, de forma a permitir que os alunos possam apresentar seus livros, não somente para seus colegas de turma, mas também no ambiente escolar para alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a fim de que seja

possível analisar a recepção de tais produções a quem de fato se destinam.

Referências

BARTHES, Roland. "Escrever a leitura". In BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 26-29.

BUORO, Anamélia Bueno. *Olhos que pintam*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 15.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In *Vários Escritos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p.169-191.
PLAZA, Julio. "O livro como forma de arte". *Arte em São Paulo*, São Paulo, n.6, abr., 1982.

ZILBERMAN, Regina. "Quando fala a ilustração". In ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 155-164.

Enviado em 03 de abril de 2012.

Aprovado em 02 de setembro de 2012.